

RAFAEL G.
ESTEQUE

A MALDIÇÃO DA
MANGUEIRA

LUNA
EDITORA

Copyright © 2021 by Rafael G. Esteque

Editor

Hedjan C.S

Capa:

Vítor Uchôa

Ilustração de Capa:

Toni Caputo

Projeto Gráfico

Vítor Uchôa

Revisão

Úesula Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E79m Esteque, Rafael G.

A Maldição da Mangueira / Rafael G. Esteque. - Rio de Janeiro, RJ :
Luva Editora, 2021.

248 p. ; 16cm x 23cm.

ISBN: 978-65-00-24022-1

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Terror. I. Título.

2021-2361

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à Luva Editora.

Rua Garcia Redondo, 68. - 20775-170

Cachambi - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

www.luvaeditora.com.br

CAPÍTULO I

O DONO DA CASA

Era uma manhã de sábado quando Leo estacionou o carro e ficou um instante parado diante do velho sobrado, ainda com as mãos no volante, pensando como sua vida havia passado por uma total reviravolta nas últimas poucas semanas.

Dentro do velho Ford Ka havia apenas uma caixa com roupas, seu notebook, seu violão, um saco de ração e, no banco da frente, Thor, um vira-lata caramelo de grande porte, pelo curto e orelhas caídas. O resto viria depois, com um caminhão de mudança. Ou não, ele ainda não sabia com o que ficaria. Gostava muito do armário do quarto, se possível queria ficar com ele, mas não sabia como iriam ficar as coisas. A única coisa da qual ele não abriria mão de jeito nenhum era o Thor. Amanda não havia ficado feliz, também era apaixonada pelo cachorro, mas havia aceitado.

A antiga proprietária do sobrado, uma moça chamada Denise, que devia ter menos de trinta anos, havia dito que deixaria uma geladeira e um sofá-cama velhos, coisas que ele poderia jogar fora se não tivesse interesse — mal sabia a moça como aqueles itens seriam providenciais. Ainda dentro do carro, Leo pensou em ligar para a moça e avisar que já estava ali, mas seu celular estava descarregado.

Saiu do carro e olhou em volta para as casas daqueles que seriam seus vizinhos. De algumas janelas e portões recebeu de volta olhares curiosos. Era um rapaz de uns vinte e cinco anos, magro, pálido, de cabelo encaracolado e estatura mediana.

Tocou a campainha e a moça apareceu, arrastando uma caixa com seus últimos pertences.

Algumas semanas antes, ele havia visitado a casa e fechado negócio. Nem de longe imaginava que se mudaria para o imóvel, mas aí veio a briga fatal com Amanda e, logo depois, perdeu o emprego na escola.



Denise havia pedido mais uns dias para terminar a mudança. Apesar da pressa de alguém que ocupa um sofá na casa do irmão, ele aceitou.

— Bom... aqui estão as chaves. Duas cópias de cada uma. Nesse chaveiro aqui — disse ela mostrando um dos dois molhos — eu marquei qual chave abre cada porta.

De fato, cada chave tinha uma etiqueta com uma pequena anotação do tipo *p. Cozinha*. Leo teve a impressão de que ela suspirou ao colocar o molho na mão dele — um suspiro de *alívio*, como o de alguém que se vê livre de uma enorme preocupação. Era uma moça bonita, com uma aparência frágil. Não pela baixa estatura ou corpo magro, mas pelas olheiras e expressão de cansaço evidente. Ele já havia percebido isso no dia da primeira visita e quando se encontraram no cartório para fazer a transferência de propriedade, mas apenas agora dedicava um pensamento de fato. Sentiu uma profunda empatia pela moça que, assim como ele, estava passando por dias difíceis. Pensou em perguntar o que a afligia, mas teve receio de ser invasivo.

— Obrigado — disse, apenas.

O táxi dela chegou.

— Hãh... você vai ver que o mato está bem alto lá atrás, mas tô deixando o cortador de grama...

— Você não quer levar?

— Não... não vou precisar mais dele, pode ficar.

Ela agora parecia nervosa. Caminhou até a rua carregando sua caixa e no último momento se virou repentinamente.

— Mais uma coisa...

Ela hesitou. Seus olhares se cruzaram e ele levantou as sobrancelhas, apenas esperando que ela continuasse.

— ...você precisa cuidar do gato...

— Que gato?

Ela falou rápido, como se fosse algo que precisasse dizer, mas tendo postergado até o último momento possível. Como uma coisa desagradável que você deve fazer, mas evita a todo custo. Ela engoliu em seco antes de explicar:

— Tem um... gato... na casa...

— Ué, e você não quer levar com você?

— Ele já estava aí antes de eu chegar. Ele é da casa. O dono da casa cuida do gato.



Antes que ele pudesse pensar numa resposta para uma afirmação tão absurda, Denise deu as costas e rapidamente entrou no táxi, partindo dali para nunca mais ser vista por ele.

Leo colocou o carro dentro do pequeno espaço que servia de garagem e fechou o velho portão, que era composto por grades e uma fina chapa de ferro soldada, com vários pontos de ferrugem. Com Thor sempre ao lado, ele carregou suas poucas coisas para dentro. Colocou o celular para recarregar e deu uma olhada em volta. O sobrado era bem velho. No andar de baixo havia uma pequena sala que se conectava com a cozinha por um balcão americano e um pequeno lavabo. Uma escada de madeira levava para o andar de cima, onde havia mais dois pequenos quartos e um banheiro completo.

Inúmeros detalhes que escaparam aos seus olhos no momento excitado da compra agora ficavam em evidência: manchas de infiltração nas paredes, pintura desgastada e encardida, dobradiças enferrujadas, tacos do piso faltando aqui e ali. A geladeira era bem velha, mas funcionava, e a moça a havia deixado bem limpa por dentro. E o sofá-cama deixado na sala não era *tão* velho assim, como Leo ficou feliz em constatar. Talvez fosse até uma evolução, comparado ao sofá que ele tinha ocupado na casa do irmão nos últimos dias.

Foi dar uma olhada no quintal dos fundos, acessível por uma porta ao lado da pia na cozinha. Embora tivesse feito a visita na casa logo antes da compra, a visão do quintal o surpreendeu de novo.

Era como sair da cidade e ser transportado para o campo. O terreno da propriedade era comprido, como um grande corredor com cerca de quarenta metros de extensão por dez de largura. O velho e modesto sobrado ficava colado à rua, deixando nos fundos o espaço para aquele quintal enorme, isolado dos vizinhos por altos muros completamente cobertos de trepadeiras. Cada um dos quatro cantos era ocupado por uma árvore diferente, mas que ele não sabia identificar. Um pequeno universo verde que abraçava e envolvia quem estivesse ali.

E, bem no centro, havia uma quinta grande árvore, a maior de todas, mas essa Leo sabia identificar: uma velha mangueira. Devia ter uns cinco metros de altura e aparentemente havia crescido de forma livre, sem poda. Estava carregada de frutos, mas apenas nos galhos



mais altos, inacessíveis sem um banco ou escada. Thor cheirou e demarcou seu território em todas as árvores, menos na mangueira.

Ao lado da porta que dava passagem entre a cozinha e o quintal havia um velho banco de madeira lacada, além de algumas tralhas espalhadas. A grama de fato estava alta. Seria bom cortar o quanto antes, para evitar que Thor pegasse pulgas, se é que já não havia pegado naquela curta exploração.

Na pequena área de serviço na lateral da casa encontrou um comedouro de plástico, no qual alguém havia escrito *Bianco* com canetinha azul. Ali estava o cortador de grama. Havia também um armarinho velho, com alguns produtos de limpeza e um saco de 5kg de ração de gato, pela metade. Mas nem sinal do bicho.

No andar de cima do sobrado as coisas estavam um pouco melhores (ou pelo menos Leo tentou se convencer disso, para melhorar o moral). Os dois quartos tinham pequenas varandas; um deles, ligeiramente maior, ficava na frente da casa, com a sua sacada dando para a rua; o outro, na parte dos fundos, tinha a sacada voltada para o quintal verde. Leo saiu para a varanda da frente e ficou ali durante alguns instantes apreciando a brisa agradável de meados de janeiro. Na casa do outro lado da rua, também havia uma pequena varanda, e enquanto ele olhava, surgiu ali uma moça. Estava descalça, usava um curtíssimo short jeans, uma camiseta velha e o cabelo crespo, preso num rabo de cavalo volumoso, como se estivesse no meio de uma faxina. Ela o notou e sorriu para ele, e só então ele percebeu que estava de queixo caído, pois a vizinha era linda.

Mas ela logo voltou para dentro da casa e ele reuniu coragem para começar uma faxina. Além de aparar a grama, deu um banho em Thor e uma lavada no chão da casa e nos banheiros, fazendo o melhor que pôde pelas porcelanas antigas e manchadas e pelos azulejos azuis e antiquados, mas não havia muito a ser feito sobre as manchas de mofo no teto. Havia um ralo no chão do lavabo, no andar de baixo, mas estava completamente entupido — Leo fez uma anotação mental para comprar um desentupidor.

Ao anoitecer, exausto, pediu uma pizza e deitou no sofá-cama com seu notebook para assistir um episódio de alguma série. Thor também deitou pesadamente no sofá, com a cabeça em seu colo. Mal a música de abertura de *Rick and Morty* havia acabado e Leo já estava



pescando. Em sua mente, as primeiras falas dos personagens se misturaram com instruções de produtos de limpeza.

Estava lendo um rótulo de desinfetante e esfregando a privada do banheiro no apartamento. O som da televisão vinha da sala, mas havia outro se sobrepondo a esse, mais preocupante. Foi checar e descobriu Amanda chorando, sentada no sofá, com o rosto entre as mãos. Ajoelhou em frente a ela e tentou conversar, mas ela levantou e foi para o quarto.

O apartamento se transformou num ambiente branco, com detalhes azuis e metálicos: o quarto de um hospital. Sua mãe estava numa das camas, uma sonda entrando pelo nariz, um tubo de soro ligado ao pulso. Estava desacordada, o que Leo não sabia se era bom ou ruim. Ele queria muito conversar, dizer que estava ali, mas sabia que cada momento consciente era sofrido para ela. A cabeça lisa, desprovida de cabelos pela quimioterapia, repousava inerte no travesseiro branco, a expressão não era de um sono tranquilo e aquilo o matava por dentro. Amanda estava ali e o abraçou.

Então eles estavam num parque andando com Thor. Provavelmente era o Vila Lobos, para onde eles iam às vezes. Thor ficava extasiado com tantas outras pessoas e cachorros. Puxou Leo pela coleira, tão forte, que se libertou, obrigando Leo a correr atrás dele. Parou para marcar uma árvore, mas antes que Leo pudesse alcançá-lo, correu de novo. A risada de Amanda era audível em algum lugar: um dos sons favoritos de Leo no mundo inteiro. Thor latia chamando o dono, divertindo-se com a perseguição. Bicletas passavam em diferentes sentidos e o cachorro não sabia para que lado correr, adorava latir para qualquer coisa que tivesse rodas. Leo finalmente conseguiu agarrar a guia e Amanda os alcançou ainda rindo.

Mas logo estavam no apartamento, brigando de novo. Thor encolhido no canto, ao lado do sofá, intimidado pelos gritos. Amanda pegou a bolsa e saiu pela porta, pisando firme.

Thor latiu mais uma vez, agora ao seu lado, e Leo acordou sobressaltado no sofá. Era como se ele fosse um peixe nadando no rio dos sonhos, e, de repente, uma rede de pesca o tivesse levado à força para a superfície da realidade. O sono havia sumido e ele estava alerta, completamente acordado.



Percebeu que era observado por um par de olhos muito azuis, do lado de fora da janela.

Lá estava o tal gato, finalmente dando as caras. Leo levantou para vê-lo de perto e o bicho sustentou seu olhar por alguns segundos, antes que Thor começasse a rosnar. Saltou dali de volta para o quintal. Leo o seguiu até a enorme mangueira no centro.

Embora a noite já estivesse escura, o pelo branco era visível de longe. Deitado em um dos galhos mais altos da árvore estava o tal gato.

— Então você é o *Bianco*? — perguntou Leo olhando para cima.
— Prazer, eu sou o Leo.

O gato permaneceu imóvel, com seu olhar curioso. Ao lado de Leo, Thor rosnava.

— Bianco... — repetiu Leo, pensando que era um bom nome.
— Foi a Denise que te deu esse nome? Será que te chamavam de outro jeito antes dela?

O gato era grande, tinha um pelo comprido e fofo, além daqueles olhos azuis. Olhando bem, era um gato muito bonito... Não era o tipo de bicho que costumava ser abandonado. Thor latiu algumas vezes, até que Leo ordenou que ele ficasse quieto; o cachorro continuou tenso e rosnando, embora Bianco não estivesse nem aí.

Aqueles olhos azuis tinham algo a mais do que a calma e prepotência natural de todos os gatos. De cima do galho, quase um metro acima da cabeça de Leo, seu olhar felino dizia claramente: *esse é o meu lugar*.

